

# O ensino de geografia: experiências no Estágio de regência.

Fabio Vieira  
Bruna Palmeira Santos  
Helen Souza Leite Santos  
Micael Gidi de Carvalho

A decorative graphic on the right side of the cover features several overlapping circles in various shades of teal. A large, white, stylized number '2' is prominently displayed in the bottom right corner, partially overlapping the circles.

2

## **Resumo:**

Considerando a importância da formação docente, este artigo tem como objetivo proporcionar reflexões para futuros docentes em processo inicial de formação, tendo como motivações relatos de experiência acerca do Estágio Supervisionado em Geografia, realizado no Colégio Estadual David Mendes, localizado no município de Salvador. Por se tratar de uma turma do 3º ano do ensino médio, utilizamos como ponto de partida para a elaboração das aulas questões do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Como referenciais teóricos trazemos autores e autoras que destacam que o Estágio é entendido a partir de uma real práxis pedagógica e que, por conseguinte, se põe como um elemento na formação inicial para a superação de dicotomias, como a existente entre teoria e prática. Nesse sentido, as experiências e reflexões vivenciadas assumem relevância em prol da construção de metodologias, capazes de contribuir na formação social, cultural e política dos envolvidos na prática pedagógica. Como resultados, compreendemos a relevância do Estágio na formação inicial, pois este permite o contato com a realidade e a cultura escolar provocando que futuros professores desenvolvam o processo de ensino-aprendizagem dentro da realidade histórico-social dos estudantes.

**Palavras-chave:** Formação; Estágio; Geografia.

## **1. INTRODUÇÃO**

Conforme Lima e Pimenta (2006), o Estágio obrigatório, de maneira geral, é caracterizado como a parte prática na formação de profissionais, em contraposição à teoria. Em cursos de formação de professores, muitas vezes, existe a crítica que o curso em si não fundamenta a atuação dos futuros professores, carecendo da atuação prática. Com essa finalidade, o Estágio supervisionado se faz necessário, pois aproxima o aluno da realidade na qual atuará, a partir de uma análise crítica a respeito da apropriação dessa realidade por parte dos docentes orientadores e dos discentes.

Com isso, coloca-se a práxis no centro da discussão, como mecanismo para superar a dicotomia entre teoria e prática, inserindo o Estágio dentro de uma perspectiva teórica, dentro da práxis docente. Pois, desta maneira, o Estágio é caracterizado como atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade.

Ainda conforme Lima e Pimenta (2006), caracteriza-se a complexidade da educação como prática social, dentro de um sistema educacional de uma sociedade em um tempo histórico. Para tanto, entendemos que é necessário um currículo diverso que contemple conhecimentos históricos acumulados e novos saberes necessários para a vivência social atual, fazendo o uso de recursos teóricos e culturais pedagógicos, para gerar novas práticas que atendam o real.

O Estágio se faz fundamental no conhecimento profissional, deixando se der apenas um

componente curricular do curso, pois, ocorre nos lugares em que se desenvolvem a prática educativa, como as escolas, e coloca a interpretação do real como ponto de partida para a formação docente. Isto possibilita, aos futuros professores, conhecimentos fundamentais para a atuação profissional, além de favorecer um espaço específico de análise e síntese, ao final do curso, no qual é possível identificar os modelos necessários na atuação como professor.

A atividade docente se dá no processo de ensino-aprendizagem. Sendo necessário a compreensão da aprendizagem dentro da realidade histórico-social. De acordo com Pimenta,

[...] o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar. Envolve, portanto, o conhecimento do objetivo, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade seja transformada enquanto realidade social. (Pimenta, p. 61, 1995).

Neste contexto trazemos experiências vivenciadas em um Estágio de regência em Geografia, em uma escola estadual, situada em um bairro periférico de Salvador-BA, que entendemos serem relevante e profícua para o ser docente, além de serem capazes de contribuir na formação social, cultural e política dos envolvidos na prática pedagógica.

Assim, nosso objetivo, no presente artigo, é proporcionar reflexões para futuros docentes em processo inicial de formação sobre as múltiplas etapas do fazer a docência, em especial o planejar – seleção dos temas e produção de materiais para as aulas – e o acontecimento da aula, sobretudo a didática, a partir da seleção de itens do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

O presente artigo encontra-se disposto em três partes. Na primeira apresentamos como as aulas do componente de Estágio III em Geografia aconteceram e permitiram um adensamento e compreensão sobre a regência em si. Na segunda parte destacamos como se deu a escolha do espaço escolar e a definição do que faríamos em termos de regência. Por fim, trazemos experiências que vivemos como regentes, em uma escola pública de Salvador-BA, a partir da construção de conteúdos que emergiram de temáticas presentes em questões do ENEM.

## **O Estágio Supervisionado em Geografia: o primeiro contato com a regência**

O Estágio supervisionado III, referente ao trabalho apresentando neste texto, tem como objetivo a realização de atividades de regência, na qual se dá a atuação prática do processo de ensino/aprendizagem. Justificando-se a partir do projeto pedagógico do curso de graduação em Geografia de uma Universidade Federal do Nordeste do Brasil XXXXXXXXXXXX, que reafirma a importância do exercício prático do conhecimento acadêmico adquirido até então (Projeto Pedagógico dos cursos de graduação em Geografia, 2015). Todavia, o foco trazido à prática do Estágio não reduz sua existência curricular a uma mera aplicação do

conhecimento, já que há uma sequência de atos, experiências e vivências dadas de modo empírico que muito corroboram na formação profissional holística do professor, a partir do contato direto com as múltiplas realidades que o cercam.

É a partir deste momento que o licenciando em Geografia tem seus primeiros contatos com o ambiente escolar, precisamente à docência. Além da observação, compreensão e problematização do ambiente escolar e do fazer pedagógico, o que vai favorecer a construção de conhecimentos profissionais para os estagiários.

Em relação às leituras, nos foi trazida a proposta de discussão do texto “O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática”, de autoria de Selma Garrido Pimenta (1995) em uma das primeiras aulas do semestre. Foi solicitado, por parte do docente do componente de Estágio, que fizessemos uma leitura prévia do material a ser posteriormente discutido em sala de aula, de forma coletiva. Além disso, nesta mesma aula nos foi apresentado um vídeo intitulado “Abecedário com Jorge Larrosa Bondía”, um icônico vídeo onde o pedagogo e professor de Filosofia espanhol Jorge Larrosa reflete sobre o uso de algumas palavras atreladas à visão da educação.

Após assistir ao vídeo, foi selecionada a palavra que mais nos chamou atenção, sendo escolhida a palavra “curso”. Posteriormente, foi elaborado um parágrafo relacionando ambos os materiais. Com isso, foi possível que fizéssemos interpretações, como a concepção que o curso é constituído pela seleção sistemática dos temas, então, logo o ato de eleger é a própria pedagogia, tendo em vista a dimensão humana. Colocando a práxis como a sequência de atividades a fim de dar um objetivo real e palpável. Foi compreensível também que o ato de ensinar e aprender envolvem a repetição, pois a experiência leva ao aprendizado, mas a reprodução de modelos generalistas desconsidera as desigualdades e trata todos iguais. Contudo, tal visão, somada aos métodos, culpabiliza os alunos. Sendo preciso saber eleger o que contemple maior pluralidade de ideias.

Outra leitura proposta no semestre foi a do texto “A Geograficidade da escola e o ensino da Geografia”, de autoria do Prof. Dr. Douglas Santos. O texto trata, inicialmente, de reflexões sobre a construção da Geografia como disciplina, a escola como instituição de massas e o papel da consolidação dos estados nacionais nesse contexto. Assim sendo, o autor desenvolve sua escrita pautada em três lições sobre o tema, a primeira de caráter político, a segunda, de caráter geográfico e a terceira, sobre a articulação transdisciplinar da escola.

Nesta aula nos foi comunicada a dinâmica de regência do semestre, que consistiria em ministrar aulas com base na resolução de questões do ENEM, explorando os seus respectivos temas e conteúdos presentes, para alunos do 3º ano do Ensino Médio. Tal dinâmica foi decidida em conjunto com a escola, a partir do que a professora desenvolvia no espaço escolar. Levando isso em consideração, o professor do componente de Estágio propôs um exercício, no qual extraímos, através das lições apresentadas pelo autor do texto, similaridades temáticas com tópicos trazidos pelo ENEM. O nosso grupo escolheu a lição número um, que tratava sobre o papel ambíguo do Estado em termos educacionais.

Nesse sentido, foram feitas algumas correlações interessantes entre a temática da lição e os conteúdos trazidos pelo exame nacional, ao pensar que a lição número um aborda uma questão relevante ao tratar da ambiguidade do estado: a sociedade reproduz o modo de vida capitalista, marcado pela industrialização e pelo urbano. Ao pensarmos na educação, é perceptível que, contida nessa lógica, está a escola. A partir da tentativa de homogeneização das massas a instituição corrobora para a manutenção de estruturas que partem para o desmonte das identidades coletivas, através da dissolução das diferenças sociais.

Um exemplo trazido pelo texto de Santos (2014) é muito importante para a compreensão deste processo de dissolução das identidades: a imposição da língua portuguesa como oficial, desconsiderando as línguas tradicionais e suas manifestações que permeiam diferentes culturas, povos e tradições contidas no território. A exemplo de Moçambique, em que nos primeiros anos escolares, possui uma grande diversidade étnica e linguística dos alunos. Contudo, o processo de alfabetização ocorre em língua portuguesa, que por sua vez, é desconhecida pela maioria dos estudantes.

Associado à temática tratada pela lição está o ensino de Geografia, que pode ser pensado e contextualizado, nesse caso, sob as perspectivas do imperialismo e da globalização, tópicos constantemente trazidos no ENEM. O imperialismo se faz presente até os dias atuais na sociedade, sendo associado a uma globalização perversa, onde os movimentos e ideários hegemônicos se perpetuam das nações mais desenvolvidas sobre aquelas em desenvolvimento.

É interessante pensar como a escola pode – e deve – romper tal lógica, através, por exemplo, da valorização e do ensino das culturas de matriz africana e indígena, buscando construir um repertório consciente nos estudantes a partir do conhecimento sobre as manifestações culturais, políticas e sociais dos povos que também são as bases do Brasil.

Posteriormente, a construção de um ensaio de aula simbolizou uma oportunidade de preparo para o início da regência. Nessa atividade se exercitou o planejamento, a escolha de recursos didáticos, o manejo do tempo de aula e, de certa forma, a postura a ser tomada diante de determinadas situações. Tal momento contribuiu para organização da regência principalmente na questão de manejo do tempo de aula. No ensaio de aula assim como na escola, o método utilizado partia da resolução de questões, diferente do ensaio em que escolhemos questões de áreas que temos afinidade, na escola a lista já estava definida, por isso algumas questões também se configuram como desafios.

Em síntese, a elaboração do ensaio de aula consistiu pela definição de uma temática a ser abordada pelos componentes do grupo, fato que possibilitou uma posterior seleção de questões a serem explicadas para a turma da disciplina de Estágio III. O ensaio, como o próprio nome traz, é uma oportunidade de experimentarmos pedagogicamente a construção do saber geográfico, que não o exclusivo pela Geografia acadêmica. Logo, a orientação foi para que não nos centrássemos em um conteudismo, tal qual em um seminário acadêmico, mas, que houvesse uma dinamicidade entre forma e conteúdo, que permitisse

o pedagógico acontecer. Assim, nos colocamos na situação de simularmos uma aula para a educação básica, em que os colegas presentes em sala interagiram com o grupo, de modo a responderem os questionamentos realizados e apresentando suas dúvidas. O professor da disciplina também teve um papel fundamental nesse processo, de modo que se fez possível a construção de uma simulação do cenário que estava por vir.

## **O ensino de Geografia e o início do planejamento para a regência**

A Geografia ao longo de sua inserção como disciplina no espaço escolar é alvo de críticas quanto ao seu ensino, muitas vezes resumido a aspectos mnemônicos. Apesar do redirecionamento metodológico tanto no ensino, como na produção de material didático que o surgimento da corrente crítica da Geografia causou nessa disciplina escolar, o pensamento positivista e a pretensa de uma Geografia cientificamente neutra (Oliveira, 1989) ainda está presente mesmo que nas entrelinhas.

Nesse sentido, o nosso desafio foi buscar a partir de contribuições teóricas, sejam elas do componente de Estágio – conforme destacamos anteriormente – sejam elas de outros contextos formativos na universidade, mas também da experiência prática que a regência nos proporciona: um ensino de Geografia que faça conexões com a realidade dos estudantes em múltiplas escalas, sem cairmos na armadilha de reproduzir um ensino mnemônico dessa disciplina.

Uma estratégia que utilizamos para o desafio exposto foi “fazer nossa prática uma pesquisa-ação” (Batista; Castrogiovanni, 2019, p. 251), o que nos colocou na condição de observador, mas também de participante do fazer pedagógico.

A escolha da escola para a realização do Estágio supervisionado ficou a cargo do docente responsável pelo componente curricular. São escolhidas, preferencialmente, escolas presentes no município de Salvador (BA), que desenvolvam atividades no Ensino Fundamental (do 6º ano ao 9º ano) e no Ensino Médio (da 1ª série à 3ª série). Com isso, foi definido o Colégio Estadual XXXXXXXXX, para a realização do Estágio, que está localizado na rua XXXXXXXXXXXXX, na cidade de Salvador (BA). O colégio possui uma grande estrutura, desfrutando de diversas salas e abrigando cerca de 11 turmas do 3º ano do ensino médio. Para a realização da prática docente, foi definido a turma do 3º C matutino, alojado no 1º horário da escola, das 7:20 às 8:10, das quartas-feiras e sextas-feiras, e tendo a supervisão da docente XXXXXXXX, professora de Geografia do colégio.

Em conformidade com o cronograma de atividades previstas no componente, foi estabelecido que no período de um (1) mês, em que o grupo seria responsável por criar o material didático e reger as aulas da disciplina de Geografia para a turma do 3º A matutino. Nesse período, as aulas foram conduzidas por uma lista de seis questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a abordagem busca preparar os alunos para o exame e exercitar outras metodologias. Segundo Lopes,

Mitre e colaboradores situam as metodologias ativas de ensino aprendizagem, dentre as quais a “Aprendizagem Baseada em Problemas” ou PBL (Problem-Based Learning), como abordagens pedagógicas que vêm sendo empregadas para a formação de um profissional capaz de desenvolver a habilidade de “aprender a aprender”, termo que abrange o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser. (Lopes et al, p. 1275, 2011).

Assim, metodologias ativas como a que utilizamos permitem a participação do aluno, constituindo uma aula dialogada, de modo que o processo ensino aprendizagem fosse efetivado. Previamente, as questões foram divididas seguindo critérios como grau de complexidade, tempo da aula, recursos necessários e afinidades entre si. Logo o planejamento foi definido, de acordo com o quadro 1.

**Quadro 1:** planejamento e divisão das aulas por questões do ENEM

<b>Planejamento</b>			
<b>Semana 1</b>	<b>Data</b>	<b>Nº questão do ENEM</b>	<b>Temática</b>
<b>Aula 1</b>	19/10/2022	71 (1º dia cad. Azul 2020)	Geografia Agrária
<b>Aula 2</b>	21/10/2022	72 (1º dia cad. Azul 2018)	Biogeografia
<b>Semana 2</b>			
<b>Semana 2</b>	<b>Data</b>	<b>Nº questão do ENEM</b>	<b>Temática</b>
<b>Aula 1</b>	26/10/2022	67 (1º dia cad. Azul 2020)	Geomorfologia
<b>Aula 2</b>	28/10/2022 (eleição)	-	-
<b>Semana 3</b>			
<b>Semana 3</b>	<b>Data</b>	<b>Nº questão do ENEM</b>	<b>Temática</b>
<b>Aula 1</b>	Feriado	-	-
<b>Aula 2</b>	04/11/2022	62 (1º dia cad. Azul 2021)	Geografia Econômica
<b>Semana 4</b>			
<b>Semana 4</b>	<b>Data</b>	<b>Nº questão do ENEM</b>	<b>Temática</b>
<b>Aula 1</b>	09/11/2022	88 (1º dia cad. Azul 2020) 81 (1º dia cad. Azul 2018)	Geografia Urbana Geografia da População
<b>Aula 2</b>	11/11/2022 (feriado)	-	-

**Fonte:**Produção dos autores

Definida as questões com temas geográficos, e entendendo que a disciplina de Geografia possui um importante papel para a formação de cidadãos que estejam envolvidos e compreendam o espaço em que constituem e vivem, organizamos aulas em que as questões do ENEM eram o texto para o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, elas não eram mero recurso, e sim o que fundamentava as aulas.

Assim, esse planejamento possibilitou importantes reflexões sobre a nossa futura atuação docente, pois passamos a planejar a aula para que os estudantes pudessem reconhecer singularidades de suas vidas, sua identidade e pertencimento em um mundo já ho-

mogeneizado pelo processo de globalização (Callai, 2011). Por conseguinte, acreditamos que o ensino de Geografia deve permitir que os estudantes, por meio da leitura do espaço, consigam ler o mundo a partir da mobilização de conceitos imprescindíveis no ensino/aprendizado. No entanto, como realizar essa tarefa, uma vez que a atuação na escola seria a primeira experiência na regência em Geografia? Veremos nossas ações, no fazer pedagógico, na seção a seguir.

### **Regências: Experiências no fazer pedagógico**

As duas primeiras aulas tiveram por temas questões agrárias e da biogeografia. Nestas, o enfoque foi a interpretação dos textos apresentados nas próprias questões, tendo em vista que ambas poderiam ser resolvidas com a própria leitura dinâmica dos textos. Por isso, como recurso didático se fez o uso do quadro, utilizando de palavras e conceitos chaves, retirados dos textos para resolução da questão. Assim, nas duas aulas cada integrante do grupo ficou responsável por explicar um conceito, ou expressão que fizesse relação com a questão, como: grilagem, latifúndio, 'terra preta de índio' etc. Cada alternativa foi discutida com os alunos, pois além de encontrar a alternativa correta era necessário explicar os motivos das demais opções não estarem corretas para o contexto do enunciado.

Nestas aulas pudemos construir com os estudantes conceitos extremamente relevantes para a formação cidadã em Geografia. A maneira como os conceitos estão presentes nas questões do ENEM, permeados por outras noções e dialogando com múltiplas áreas do conhecimento possibilitam de fato um movimento interdisciplinar. Assim, foi o caso da questão 71 em que um poema (literatura) "Cântico da Terra", de Cora Coralina, com uma tematização geográfica (questões fundiárias), mas, com um fundo sociológico atual que permitiu compreendermos as dinâmicas do uso e da função da terra, no espaço agrário brasileiro.

Na questão cujo tema geográfico era a biogeografia, foi necessário debater com os estudantes conceitos importantes contextualizados à Amazônia. A questão do ENEM, cuja problematização era a respeito de uma pesquisa que comprovava a participação humana na conformação da floresta amazônica, a partir dos saberes indígenas, fez com que: explicássemos características fisiográficas e fitogeográficas da floresta; contextualizássemos a conformação da terra preta de índio correlacionando com aulas anteriores ministradas pela professora supervisora da turma, a respeito dos principais tipos de solo presentes na floresta; trouxéssemos para a Geografia física um debate que inseria a ação humana na conformação da paisagem, o que permite um olhar holístico e integrado a respeito da constituição espacial.

Para a aula subsequente optou-se pelo uso de slides, objetivando evidenciar cada detalhe da questão, por isso cada uma das alternativas foi explicada trazendo conceitos gerais sobre os processos geomorfológicos terrestres globais com o uso de vídeo e imagens, como evidenciam as figuras 1 e 2.



Figura 1- Apresentação sobre geomorfologia



Fonte: Produção dos autores.

A construção dessa aula foi complexa, por se tratar de um assunto denso. Foi necessário trazer objetividade e não desviar da questão ao passo que conceitos gerais também seriam exigidos. Além disso foi preciso considerar um vocabulário menos rebuscado ou mesmo

Figura 2- Explicação da aula por XXXXXX.



Fonte: produção dos autores

o uso de termos juntamente com analogias. Como a questão que fundamentou a aula, tinha uma imagem do rift Valey na África e o enunciado era: “Os aspectos físicos apresentados originam-se da atuação da força natural de”, o movimento de fazer analogias envolveu a comparação da falha geológica da questão, com a falha geológica existente em Salvador (que separa a cidade baixa da cidade alta). A comparação permitiu que os estudantes participassem ativamente dos debates, que incluía a explicação sobre os choques entre placas tectônicas e o entendimento de distintas eras geológicas da Terra. Ademais, foi necessária a explicação de conceitos como voçorocas e ravinas, que decorrem de mudanças provocadas pelas ações humanas, o que difere da formação do rift Valey, que é provocada por ações que independem do humano.

Para as duas aulas seguintes também se optou pelo uso de slides. No primeiro caso por se tratar uma

questão complexa com algumas especificidades e no segundo caso por serem duas questões no período de 50 minutos, pois o uso desse recurso torna a resolução mais dinâmica. A questão 62 (do ENEM 2021) trazia uma temática ampla acerca dos fluxos globais no contexto do mundo capitalista. Nesse sentido, a nossa proposta correspondia a apontar esses fluxos globais evidenciando como eles estão presentes em nossa vida cotidiana.

Figura 3: Apresentação sobre Geografia econômica



Fonte: produção dos autores

Ademais, visando a compreensão da questão também foi necessária a contextualização da posição do Brasil dentro desses fluxos econômicos globais, qual o papel do país dentro desse processo de produção e trocas, correlacionando com o processo de industrialização, observe a Figura 4.

Figura 4- Apresentação sobre Geografia econômica.



Fonte: Produção dos autores.

Para alcançarmos a complexidade apontada na questão conceitos como DIT (Divisão Internacional do Trabalho), Globalização, e Fluxos Globais e Regionais entre Países e Blocos foram explorados e debatidos com a turma. Dessa forma, na elaboração do plano de aula, foi necessário que problematizássemos a aula, e a construção dos conteúdos com o gabarito do item, que era: “Subordinação aos Fluxos Globais”. Assim, trabalhar com a questão em destaque envolveu múltiplos assuntos geográficos, que mobilizaram a relação da produção industrial e a atual condição do território brasileiro no mundo global.

A questão 81 (do ENEM 2018), dialoga a com a mencionada anteriormente, pois também se encontra na perspectiva de Fluxos Globais, mas neste caso traz à tona a concepção de diferentes tipos de fronteiras e suas contradições em um mundo supostamente conectado, como mostra a Figura 5.

Figura 5- Apresentação sobre Geografia da população

**QUESTÃO (ENEM 2018)**

**A ressignificação contemporânea de ideia de fronteira compreende a:**

**b) Preponderância dos limites naturais.**



**c) Supressão dos obstáculos aduaneiros.**



Fonte: produção dos autores

A noção de fronteira que perpassa por uma ressignificação, conforme exposta no gabarito da questão “Seletividade dos Mecanismos Segregadores” permite que possamos desconstruir uma ideia, de fixidez das fronteiras, ou seja, que esta é apenas uma demarcação que separa territórios distintos. A questão aponta para uma significação de fronteira que envolve dinâmicas econômicas no mundo globalizado que vivemos, que passam a definir outras maneiras de separação em especial às vinculadas ao controle financeiro e às

relações de poder e controle exercidas por territórios e nações desenvolvidas, contra países pobres e subdesenvolvidos.

Por fim, a questão 88 (do ENEM 2020) de Geografia urbana, apresenta o contexto de descarga de efluentes em corpos hídricos – no caso o rio Tietê, na cidade de São Paulo – sendo este um dilema urbano comum a inúmeras cidades. Para a problematização da aula, também foi exposto um exemplo local, veja a Figura 6.

**Figura 6-** Apresentação sobre problemas hídricos em áreas urbanas.

## Para esclarecer alguns conceitos



**c) recepção de densa carga de dejetos.**

**Rio Camarujipe, Salvador - BA**

- Descarte de lixo
- Esgoto (residencial ou industrial)
- Menor disponibilidade de oxigênio na água



**Fonte:** Produção dos autores.

Assim, a aula foi construída a partir da contextualização espacial a respeito das consequências dos descartes dos mais diversos tipos de resíduos em áreas urbanas. Destacamos como isso impacta, não apenas em prejuízos para a vida humana, a exemplo do gabarito, da questão motivadora para a aula, “Recepção de Densa Carga de Dejetos”, mas, no ambiente como um todo, como exemplo a própria mortandade de peixes e outras espécies. Outras ações humanas, como a retirada da mata ciliar e a canalização dos rios, interferem diretamente na qualidade da água e, por consequência, amplificam as mazelas provocadas por toda uma cadeia de interferência em corpos hídricos.

Todas as aulas proporcionaram experiências de regência, sem dúvidas, desafiadoras. Após inúmeras elucubrações sobre como seria estar em uma sala de aula, o Estágio torna possível sentirmos o fazer da docência, mesmo que em um período limitado. A prática nos

dá a oportunidade de paulatinamente apreender. Para Oliveira e colaboradores,

O estágio supervisionado é o momento essencial para os estudantes durante os cursos de licenciatura, uma vez que este oferece o primeiro contato do futuro professor com seu campo de atuação, oportunizando ao acadêmico relacionar-se com a docência, enfrentar as dificuldades da sala de aula e conhecer a prática do ensino. Assim, o estágio supervisionado apresenta-se como processo que possibilita ao futuro docente desenvolver uma visão crítica a partir da observação e atuação em sala de aula, e fornece uma avaliação própria de sua atuação didática. (Oliveira et al, p. 1, 2018)

Por conseguinte, o Estágio nos aproxima da dinâmica e da cultura escolar, o que implica, dentre outros aspectos, na flexibilidade do planejamento. Pode-se afirmar que o cronograma previsto foi cumprido, com uma pequena alteração na proposta inicial, onde a resolução de uma das questões previstas para a 3ª semana de aula precisou ser remanejada para a semana seguinte, sem acarretar perdas para os estudantes.

Nesse sentido, é importante pensar acerca do ensino da Geografia, pois, muitas vezes, ele é entendido como uma espécie de tradução dos conhecimentos acadêmicos para o ambiente escolar dado o nível que se trabalha. Consoante à nossa experiência, o ato de ensinar a Geografia ultrapassa em demasia esse tipo de perspectiva, sem, entretanto, desconsiderá-la. É de fato importante adequar a linguagem, métodos e recursos a serem utilizados em sala de aula, porém, esta é apenas uma das etapas do trabalho pedagógico elaborado.

A perspectiva da Geografia como construtora de caráter social, consciente das múltiplas realidades culturais, políticas e ambientais à nossa volta, se valorizada e empregada em sala de aula, se caracteriza como uma valiosa perspectiva de ensino. É interessante que haja uma desassociação vital da Geografia apenas como disciplina, a fim de construir uma visão de que este conhecimento é holístico e transdisciplinar, pois perpassa todas as esferas da construção humana em si.

Sem dúvida um dos maiores desafios do licenciando em Geografia é a maneira em que ele irá construir o conteúdo geográfico em sala de aula. Para isso, Passini (2015), a escolha do conteúdo deve ser feita a partir da responsabilidade, que o professor tem, na formação do indivíduo que precisa entender o mundo. Entendemos, que é necessário, que a didática utilizada pelo docente, se valha do conhecimento construído e dos meios em que os alunos possuem para o entendimento de um conhecimento menor para um conhecimento maior. Precisando-se compreender os mecanismos de aprendizagem para o conteúdo abordado, assim como a concepção das mudanças de métodos de ensino quando preciso.

Com isso, o professor deve ser capaz de ler, compreender e analisar os conteúdos, para que seja possível incorporar as teorias e metodologias adequadas para cada aula, pois, a leitura para a compreensão deve ser um hábito do docente, assim como deve ser trabalhada com os estudantes. O licenciado não pode desviar do seu objetivo principal, o ensino do conteúdo de Geografia, para isso faz-se necessário o resgate das anotações de aulas, bibliografias específicas das disciplinas e relatórios de trabalhos de campo do longo de sua formação acadêmica, associando a releitura dos materiais essenciais das teorias de apren-

dizagens, adequando a linguagem academia para o meio escolar.

## Considerações finais

A experiência do Estágio, sobretudo nas licenciaturas, constitui uma das mais importantes formas de interlocução entre teoria e prática. A prática, por sua vez, vai além do ato de construção material, e a teoria também ultrapassa a visão popular de ser apenas um corpo de conceitos científicos, distanciados da primeira.

A perspectiva fenomenológica de análise considera que a realidade é construída socialmente pelo homem, ao dar significado aos objetos, às situações e às experiências vividas. Portanto, o homem é o verdadeiro criador do conhecimento e da realidade. E a prática se modifica quando se muda a maneira de compreendê-la. [...] nessa perspectiva, a relação teoria-prática é entendida como uma troca bidirecional, ou seja, a prática é informada não somente pelas ideias-teoria, mas também pelas exigências práticas de cada situação, uma vez que o juízo crítico e a mediação do critério do ator são sempre indispensáveis. (Caldeira & Zaidan, p. 17. 2013)

Assim sendo, a atividade de regência em sala de aula contribuiu demasiadamente para nossa formação enquanto futuros professores, tendo em vista que a partir dessa vivência tornou-se possível a experimentação de todas as etapas do trabalho pedagógico. O planejamento do ensino, que perpassa por algumas etapas como a definição dos objetivos, seleção dos conteúdos, adequação de métodos e definição de recursos a serem utilizados, foi contemplado em todas as aulas regidas, distribuídas ao longo de quatro semanas e ministradas para estudantes do 3º ano do ensino médio.

Como resultados compreendemos a relevância do Estágio na formação inicial, pois este momento formativo possibilitou o contato com a dinâmica vivenciada no espaço escolar, o que possibilita aos futuros professores o desenvolvimento de suas habilidades profissionais, no processo de ensino-aprendizagem, dentro da realidade histórico-social dos estudantes.

Assim, ministrar aulas e ter o contato direto com múltiplas realidades foi desafiador e enriquecedor no componente de Estágio. A adequação de metodologias, previamente planejadas, fez-se necessária em diversos momentos, a fim de contemplar todos os indivíduos presentes na sala de aula, inclusive aqueles que possuíam algum tipo de deficiência – neste caso, do tipo visual.

Portanto, além de constituir uma etapa obrigatória para nossa formação acadêmica, é possível afirmar que a vivência do Estágio corrobora para a formação social, cultural e até mesmo política de todos os indivíduos que nele estão inseridos. Para nós, professores em construção, o diálogo e a troca de saberes é fundamental para a consolidação de uma percepção mais holística, acolhedora e sensível, onde todas as especificidades sejam atendidas, sem deixar de lado a coletividade. Já para os alunos, era possível perceber que o contato com pessoas mais jovens, como foi o caso do nosso grupo, os deixavam animados, pois viam em nós esperanças para um futuro não tão distante que buscam construir. Para

a professora titular da escola, a experiência sem dúvidas será enriquecedora no sentido de atualização de linguagem e metodologias, como a própria nos falou em momento oportuno.

## Referências

BAHIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Projeto pedagógico dos cursos de graduação em geografia – licenciatura (diurno e noturno) – bacharelado (diurno)**, 2015. Disponível em: < <http://www.geografia.ufba.br/Projeto%20Pedagogico%20Geografia%202015.pdf> > . Acesso em: 26 de nov. de 2022.

BATISTA, Bruno Nunes; CASTROGIOVANNI, Antonio carlos. Ensino de Geografia, rupturas, permanências e a complexidade: quais são as aproximações possíveis? Movimentos para ensinar geografia. 2.ed. Goiânia, **C&A Alfa Comunicação**, 2019. p. 247-258.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. **Provas e Gabaritos**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos> >. Acesso em: 11 de outubro de 2022.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia Escolar - e os conteúdos da Geografia. **Revista Anekumene**, ISSN 2248 -5376, n. 1, p. 129-139, 2011.

CALDEIRA, A. M. S.; Z Aidan, S. **Práxis pedagógica: um desafio cotidiano**. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Universidade Fumec Belo Horizonte, Ano 10 n. 14 p. 15-32 jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/2374> > Acesso em: 23 de nov 2022.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Poíesis pedagógica, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

LOPES, R.M.;FILHO, M. V. S.; MARSDEN, M.; ALVES, N. G. **APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE QUÍMICA TOXICOLÓGICA**. Quim. Nova, Vol. 34, No. 7, 1275-1280, 2011. Disponível em: <[http://static.sites.s bq.org.br/quimicanova.s bq.org.br/pdf/Vol34No7\\_1275\\_28-ED10646.pdf](http://static.sites.s bq.org.br/quimicanova.s bq.org.br/pdf/Vol34No7_1275_28-ED10646.pdf) > Acesso em: 18 nov 2022.

OLIVEIRA, L. A.; LIMA, P. G.;NASCIMENTO, A. G. **A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DO IFMA CAMPUS ZÉ DOCA**. V CONEDU- Congresso Nacional de Educação, 2018.Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/>

PASSINI, Elza Yasuko. **Convite para inventar o novo professor**. IN: Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto.2015. p.32-51

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?**. Cad. Pesq., São Paulo, n.94, p. 58-73, ago. 1995.

SANTOS, D. **A GEOGRAFICIDADE DA ESCOLA E O ENSINO DE GEOGRAFIA**. Revista Tamoios, São Gonçalo (RJ). págs. 17-29, jan/jun. 2014.

WETTSTEIN, Germán. O que se deveria ensinar hoje em Geografia. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Para onde vai a Geografia? São Paulo: **Editora Contexto**, 1989. p. 125-135.